

RECICLA

sociedade
pontoverde
DEZ - FEV
N.º 6 | TRIMESTRAL

Esta revista é distribuída com o jornal Público e não pode ser vendida separadamente. É impressa em papel reciclado e tintas ecológicas.



ANTIGAS MAS RECICLÁVEIS

SÃO MARCAS ETERNAS QUE REFORMULARAM O DESIGN, APURARAM O CONCEITO E ADERIRAM À RECICLAGEM. PORQUE SÓ ASSIM É POSSÍVEL CONTINUAREM A DAR CARTAS NO MERCADO

No mundo global fala-se muito do PIB (produto interno bruto), mas há quem se preocupe cada vez mais com a **FIB: FELICIDADE INTERNA BRUTA**. No dia 9 de Novembro Portugal passou a pertencer a esse grupo, com a inauguração do Instituto da Felicidade. The New Economics Foundation avalia o índice de felicidade com base em três critérios: esperança de vida, satisfação e pegada ecológica. É na América Central que os níveis de felicidade são mais elevados. Portugal e o resto da Europa não são dos mais felizes. A boa notícia? Está nas nossas mãos mudar esse cenário.

Dados de Portugal

Satisfação de vida (0 a 10): 5,8

Esperança de vida (anos): 77,7

Pegada ecológica (planetas): 4,4

Fonte: The (Un)Happy Planet Index 2.0



Ilustração: Rita Sales Luís

A RECICLA
é impressa em
papel reciclado
e com tintas
ecológicas

RECICLA

EDITORIAL

VIDAS RECICLADAS

A felicidade dá trabalho, diz Teresa Ricou, fundadora do Chapatô, em conversa com a RECICLA. Ser feliz é como outra tarefa qualquer da vida: exige esforço, dedicação e resiliência. Só assim tem sabor. E, afinal, quantas vezes é que os bons momentos nos caem verdadeiramente no colo?

Porque a felicidade se revela de várias formas, apresentamos o projecto Chapatô, que há 30 anos fomenta a integração social através das artes circenses. Um universo de cor e de magia onde as acrobacias da solidariedade vencem as manobras da delinquência.

Salvador Mendes de Almeida é um exemplo para cada um de nós. Após um acidente de viação que o deixou, aos 16 anos, tetraplégico, tornou-se activista dos direitos das pessoas com deficiência. Escreveu o livro *Salvador – Ser feliz assim*, criou uma associação e lançou um programa televisivo que mostra ao país que a deficiência não anula os sonhos nem a vida. Leia, a propósito, uma conversa inspiradora com este jovem singular na página 24.

Do outro lado do Atlântico, no Brasil, um grupo de cidadãos acredita que as cidades podem ser mais felizes e justas para todos os habitantes. O movimento Rio Como Vamos simplifica a governação e aproxima os eleitores dos eleitos, trabalhando em parceria com os políticos no poder. É tempo de acabar com a dicotomia “eles” (governantes)/ “nós” (cidadãos). Reclamar, por si só, é inócuo e inconsequente. E a cidadania activa é uma forma de reciclarmos as nossas vidas e a dos outros. Preparado? **R**

SUMÁRIO

N.º 6 DEZEMBRO - FEVEREIRO
2012 www.pontoverde.pt

8 Reportagem

Há 30 anos que o Chapatô recicla vidas e sonhos através das artes circenses

18 Tendências Eco

Natal para todos. Porque há quem não coma bacalhau nem faça árvore

24 Rosto

Salvador Almeida luta para tornar o país acessível a quem tem deficiência física

34 Atitude

Na cidade maravilhosa um grupo de cariocas leva a cidadania activa a sério

38 Lazer sustentável

Os resorts Alila provam que o verdadeiro luxo é verde e não deixa pegada

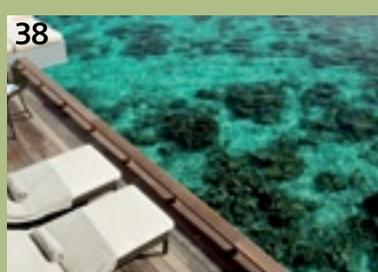
5 Ponto Verde

14 Pequenos Gestos

28 Planeta Verde

30 Eco empreendedores

42 Sustentabilidade é



RECICLA/Ficha Técnica

Propriedade: Sociedade Ponto Verde SA, Morada: Rua João Chagas, 53, 1.Dto, 1495-764 Cruz Quebrada, Dafundo, Tel: 210 102 400, Fax: 210 102 499, www.pontoverde.pt, info@pontoverde.pt, NIF: 503 794 040, Director: Mário Raposo, Directora-adjunta: Teresa Cortes

Edição: Have a Nice Day - Conteúdos Editoriais, Lda., www.haveaniceday.pt, info@haveaniceday.pt, Tel: 217 950 389 Directora: Ana Rita Ramos, Editora: Teresa Violante, Redacção: Ana Sofia Rodrigues, Miguel Amaral Monteiro, Sara Raquel Silva, Teresa Ribeiro, Paginação: Rita Sales Luís, Fotografia: Agência Fotográfica Filipe Pombo, Corbis, Impressão: Lisgráfica - Impressão e Artes Gráfica SA, Tiragem: 60.000 exemplares, Depósito Legal: 215010/04, ICS: 124501 A RECICLA é impressa em papel reciclado com tintas ecológicas. Depois de a ler, dê-lhe um final ecológico: partilhe-a com um amigo ou coloque-a no ecoponto azul. ♻️

sociedade
pontoverde

have
a
nice
day



Sim, isto é reciclagem!

O desafio foi lançado pela Sociedade Ponto Verde (SPV) por ocasião do 15.º aniversário, e mais de 220 pessoas deram largas à imaginação, captando perspectivas originais sobre um hábito tão comum do nosso dia-a-dia: reciclagem de embalagens. Ricardo Lopes, Márcio Santos e Hélio Andrade conquistaram, respectivamente, os três primeiros lugares do concurso Objectiva 2011 – Um olhar sobre a reciclagem de embalagens (em cima, a foto de Ricardo Lopes, com o tema “Pequenos Passos”). Criatividade, inovação, simplicidade e sugestão de mudança de comportamentos foram as características valorizadas. Face à qualidade dos trabalhos apresentados o júri atribuiu ainda duas menções honrosas, uma a Alberto Vale e outra a Laura Van Hoeyland.

As 14 melhores fotografias estarão em exposição na FNAC de Alfragide, até 5 de Janeiro, e na FNAC Mar Shopping, em Leça da Palmeira, de 28 de Janeiro a 28 de Março do próximo ano. Imagens seleccionadas pelo júri, formado pela SPV, Augusto Brázio, da Kameraphoto, e Instituto Português de Fotografia. Os vencedores foram premiados com cartões de oferta FNAC, parceira deste projecto.



À 2.ªsf não há carne

Não precisa de ser vegetariano nem adoptar uma alimentação diferente para aderir ao movimento 2.ªs Sem Carne. Basta que se preocupe com o ambiente. Porque a criação de gado gera mais emissões de gases com efeito de estufa do que todos os meios de transporte juntos (dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura).

A iniciativa 2.ªs Sem Carne chegou agora a Portugal pela mão do Partido pelos Animais e pela Natureza (PAN), replicando um movimento presente em mais de 20 países, instituído em 2003 nos Estados Unidos. Preocupado com a saúde, Sid Lerner, que associou o aparecimento de algumas doenças ao consumo excessivo de carne, recuperou uma medida tomada pelo governo norte-americano durante

as duas guerras mundiais. Na altura os motivos eram outros: no primeiro conflito apoiar o esforço da guerra; no segundo, ajudar a alimentar uma Europa devastada pelas ordens de Hitler.

Francisco Varatojo, presidente do Instituto Macrobiótico de Portugal e consultor do grupo de alimentação do PAN, não conhecia esta iniciativa, mas reconhece que terá impacto muito positivo no ambiente e na saúde humana. E desengane-se quem pense que só comerá alface. No site www.2semcarne.com encontra várias sugestões saborosas. O actual momento económico, que obriga a alterar hábitos e a repensar atitudes, beneficia a iniciativa. “É uma forma de descobrir novos alimentos, novas técnicas de cozinhá-los”, diz Varatojo. Maestro Vitorino d’Almeida, Pedro Laginha, Rui Reininho, Heitor Lourenço e Sandra Córias são algumas das figuras públicas que já aderiram ao movimento.



Co-criação sustentável

Inovações em produtos que prometem mudar o leque de tintas na arquitectura de construção, renovação e decoração de espaços é a proposta da parceria estabelecida entre a Dyrup Iberia e a Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Fruto desta união surgirá

um laboratório, o Sustenta, cuja equipa multifuncional de ambas as instituições procurará desenvolver tintas sustentáveis para o planeta.

Estilo de vida online

Que o exercício físico faz bem à saúde todos sabemos. Mas quanto lhe faz a si? Para cuidar do seu bem-estar ao pormenor surgiu a plataforma online Projecto Mover+ (www.movermais.com). Através de um simples registo no site o utilizador tem acesso a um conjunto de calculadoras que permitem acompanhar a evolução do peso/medidas, da alimentação e da actividade física, além de definir objectivos a atingir, seguindo de perto os resultados. Através desses registos, a plataforma analisa as opções diárias do utilizador e sugere alterações de hábitos para um estilo de vida mais saudável.

Com 911 inscritos (até ao fecho de edição), o Mover+ já tinha ajudado, no total, à perda de 80 quilos e de 68 centímetros, e os utilizadores desta ferramenta online tinham percorrido 2.886 quilómetros. Mover+ é um projecto de responsabilidade social desenvolvido pela empresa Itcode, Tecnologias de Informação.



Um bosque 5 à Sec

A plantação de cerca de 600 árvores é o contributo da 5 à Sec, empresa de tratamento têxtil, para a restauração do bosque mediterrânico. A iniciativa surge no âmbito do projecto “ResponsaARVOREidade” e exige um investimento de 8.400 euros. Casal de Lisboa, no concelho de Loures, foi o local escolhido para acolher as árvores de bosque mediterrânico como castanheiros, freixos, aveleiras, pinheiros mansos e azinheiras, entre outras, complementadas por arbustos. Estudos científicos indicam que cada árvore, associada a três arbustos, consegue absorver cerca de 300 quilos de CO₂ em 15 anos. É durante esse tempo que a Maderas Nobles, especializada em silvicultura sustentável, fará a manutenção do bosque. Em contrapartida, a 5 à Sec receberá um certificado de compensação de emissões de carbono. Após os 15 anos as árvores continuarão a desempenhar o papel de resgatadoras de CO₂, uma vez que não poderão ser abatidas, pois situam-se em área de reserva.

A iniciativa da 5 à Sec junta-se à campanha “100 milhões de árvores para a Península Ibérica” que pretende criar uma barreira verde contra as alterações climáticas, integrada na iniciativa Plant for the Planet, patrocinada pela Organização das Nações Unidas.



O que fazer aos cd e dvd? Reciclar!

Já é possível reciclar cd ou dvd em Portugal. A empresa Cederika é a única marca de reciclagem de discos ópticos (cd e dvd) da península ibérica. O processo consiste na separação do policarbonato (componente maioritário de um cd ou dvd – 98%), na sua limpeza e transformação, de modo a voltar a colocá-lo no mercado para novos usos. A marca foi apresentada aquando do lançamento do novo álbum da cantora de jazz Jacinta – *Recycle Swing* – o primeiro a beneficiar desta técnica.

Mais informações em www.jazzintaprod.com e na página do Facebook da Cederika Portugal.

Telecomunicações transparentes

A Sonaecom é a empresa de telecomunicações mais transparente em matéria de sustentabilidade a nível ibérico, segundo o estudo Engagement Rating Portugal 2011, elaborado pela Sair da Casca – Consultoria em Desenvolvimento Sustentável. O estudo avalia o relacionamento das empresas com os stakeholders, ajudando-as a melhorar a transparência com que os envolve em questões críticas para o negócio, assim como o seu desempenho em termos de sustentabilidade.

A Sonaecom lidera o sector das comunicações a nível ibérico, com um total de 82,4 pontos em 100. No ranking ibérico é a 6.ª empresa mais transparente e no ranking nacional a 5.ª.





A VIDA É PARA RECICLAR

EXISTE UMA CASA, NA ENCOSTA DO CASTELO, EM LISBOA, ONDE TUDO É RECICLADO. DOS CHAPÉUS FAZEM CANDEEIROS, DE TAMPAS DE LATA MALAS DE CERIMÓNIA E ATÉ TRANSFORMAM JOVENS INADAPTADOS EM ARTISTAS. NESTA CASA, CHAMADA CHAPITÔ, APROVEITAM SOBRETUDO OS SONHOS PARA COM ELES REINVENTAR A REALIDADE.

Texto Teresa Ribeiro

Fotos Filipe Pombo/AFFP

A oficina de reciclagem do Chapitô, a escola de circo que em 1981 foi fundada por Teresa Ricou, bem pode ser a metáfora deste projecto que associa cultura, ensino e assistência social. Também ela nasceu contra a corrente, quando ainda mal se falava de reciclagem, no início dos anos oitenta. E tal como o complexo da instituição, que pinta de cores garridas a encosta do Castelo, existe para servir vários objectivos. Antes de mais poupar recursos, porque o projecto sempre precisou de imaginação

para se sustentar, mas também dar asas à criatividade, uma das especialidades da casa. No meio de cadeiras velhas, frascos, roupas, caricas, cabides e demais objectos à espera de uma segunda oportunidade, Ana Silva Nunes, assistente de direcção do Chapitô, explica como é que aquele acervo se formou: “Todas as peças que deixam de servir, desde a mobília que utilizamos nas nossas instalações até ao material didáctico, vêm para aqui. Também muitos dos nossos parceiros comerciais cedem-nos

materiais, como embalagens de produtos, e há gente que nos envia muita coisa espontaneamente. As roupas que usamos nos nossos espectáculos saem todas daqui”.

Em cima de uma mesa de trabalho um quadro feito de caricas velhas dobradas em meia-lua e pintadas de vermelho parece lançar-nos um sorriso de assentimento. Até há pouco tempo esta era uma fonte interna de recursos, mas em Julho abriu-se ao exterior. À entrada do complexo foi inaugurada uma loja onde



Quando a oficina do Chapitô começou a funcionar, no início dos anos 80, ainda mal se falava de reciclagem



Mais do que uma casa de espectáculos e escola de circo, o Chapitô é um espaço onde o ensino das artes circenses funciona como instrumento de integração social



se vende o melhor que a oficina produz e também criações de alunos da escola e de artesãos convidados. “Toda a loja é uma brincadeira”, comenta Ana Silva Nunes nesta visita guiada. Nas prateleiras vêem-se ferros de engomar e velhas chaleiras transformados em candeeiros, molduras feitas de peças de teclado de computador e caricas como alfinetes de peito, entre muitas outras propostas, qual delas a mais singular. O mobiliário deste novo espaço, que também serve como posto de trabalho para alguns alunos do Chapitô, é feito em viroc, aparas de madeira prensadas, a lembrar que nesta loja, mais do que objectos reciclados, expõe-se um conceito e estilo de vida. Ao mesmo tempo que foi inau-

gurada a loja, abriu também o quiosque Observatório da Terra, onde se vendem plantas de agricultura biológica, algumas cultivadas por alunos do Chapitô, como tomateiros, morangueiros,

ALUNOS DE MEIOS FAMILIARES ESTRUTURADOS CONVIVEM NA ESCOLA COM JOVENS COM PASSADO DE DELINQUÊNCIA

ervas de cheiro e pimenteiros. Além de plantas, no quiosque há ainda sabonetes de leite de burra mirandesa, espécie em vias de extinção. Como se lê no prospecto de apresentação destes dois projectos, trata-se de

“um dois em um”, que tem como objectivo “a sensibilização da população para práticas cívicas de desenvolvimento sustentável nas cidades”.

UM SONHO COM 30 ANOS

Não sendo o *core business* do Chapitô, causas como a sustentabilidade são um complemento natural de um projecto que nasceu virado para a comunidade e para o futuro.

Há 30 anos, quando deram a Teresa Ricou condições para realizar a obra da sua vida, também ela adoptou por instinto soluções vanguardistas para abraçar causas de forte pendor cívico e social. Mais do que uma casa de espectáculos e escola de circo, o que ela criou nas instalações da antiga Cadeia das Mónicas



foi um espaço onde o ensino das artes circenses também passou a funcionar como instrumento de integração social. O projecto ainda hoje não tem paralelo no país. Na escola de circo alunos provenientes de meios familiares estruturados convivem com jovens com passado de delinquência vindos dos centros educativos (antigamente designados por casas de correcção). No Chapitô acredita-se que as artes circenses funcionam bem na prevenção

NO COMPLEXO DO CHAPITÔ TODAS AS ACTIVIDADES SE COMPLETAM E POTENCIAM, FORMANDO UM TODO COERENTE

da delinquência e como meio de integração na sociedade. Pelas suas características podem também atrair quem, independentemente do contexto sociofamiliar, se revê em modelos de inserção social alternativos.

Para melhor chegar aos jovens em risco, o Chapitô estabeleceu com o Ministério da Justiça um protocolo que lhe permite realizar ateliês de artes circenses, jardinagem, capoeira e expressão dramática, entre outros, nos centros educativos Bela Vista e Navarro de Paiva. “Muitos destes jovens acabam por encontrar,

através destas práticas, uma vocação e um sentido para a vida. Quando saem, alguns querem continuar ligados ao Chapitô, aperfeiçoar os conhecimentos e entrar para a nossa escola”, explica Luísa Martins, psicóloga de formação e coordenadora de Acção Social. “Como é necessário ter o 9.º ano completo para ingressar nos nossos cursos, este objectivo motiva-os também para o estudo”, sublinha.

A CASA DO CASTELO

Há jovens que uma vez cumprida a pena de reclusão não têm para onde ir. Para esses casos mais difíceis o Chapitô criou o Lar de Transição Casa do Castelo, espaço de acolhimento onde podem prosseguir sozinhos os seus projectos de vida. O objectivo, segundo Luísa Martins, é “não deixar cair ninguém”.

Da Casa do Castelo, situada no último andar do edifício principal, vê-se todo o complexo: o restaurante, pintado em tons de laranja, com o bar em baixo, a esplanada e ao meio o cone de dez metros a que chamam tenda. Conforme as horas do dia, a tenda recebe os alunos da escola de circo ou o público que vem assistir aos espectáculos que o Chapitô apresenta. Mais à esquerda, assinalado por um parque infantil onde não falta uma árvore com uma casa empoleira-

A ALMA DO CHAPITÔ

Nascida no seio de uma família burguesa, Teresa Ricou revelou cedo um espírito rebelde que a levaria a procurar caminhos à margem do sistema. Filha de um médico que se dedicou ao estudo e erradicação da lepra em África, habituou-se desde criança a um estilo de vida pouco convencional. Circulando de terra em terra ganhou o gosto pela mobilidade e pelo contacto com outros povos e culturas. Por influência do pai desenvolveu também uma especial vocação pela acção social. Foi assim que entraram no seu ADN as características que mais tarde seriam reconhecidas no seu Chapitô: preocupação social, multiculturalismo e heterodoxia.

A paixão pelo circo descobriria anos depois quando, com a família já regressada a Portugal, decidiu ganhar mundo viajando para Londres, em plena onda hippie, e a seguir para Paris. Foi na capital francesa que aprendeu sapateado, acrobacia e dança, apresentou espectáculos na rua e percebeu, nesse entretanto, que o circo era a sua vocação. Nos anos 70, já em Portugal, daria corpo à Tété, a primeira mulher palhaço da Europa, cuja popularidade lhe abriria portas para concretizar o sonho que foi ganhando forma no seu espírito: criar uma escola de circo, onde além de truques e palhaçadas se aprendesse também a viver.



Como é necessário ter o 9º ano completo para ingressar nos cursos do Chapitô, mesmo os jovens mais rebeldes terão de estudar se quiserem ser admitidos



da, fica o Centro de Acolhimento e Animação para a Infância João dos Santos que recebe crianças da comunidade e os filhos dos colaboradores, professores e alunos do Chapitô em horário livre. A enquadrar este cenário festivo uma fabulosa vista sobre o Tejo. Na sala do lar de transição um dos residentes fala-nos dos seus planos. Quer ser animador e trabalhar para pessoas com deficiência. Nada na sua atitude faria suspeitar de que se trata

de um jovem com um passado de delinquência. Este depoimento ajuda Luísa a explicar a cultura do Chapitô: “Todas as nossas actividades se completam e potenciam. Somos primeiro que tudo uma casa de cultura e acreditamos no seu poder de intervenção. Através da cultura ganhamos públicos para os espectáculos que produzimos, formamos artistas e exercemos a nossa cidadania através dos nossos programas de acção social.

Fazemos tudo isto de forma tão integrada que muitas vezes se criam situações verdadeiramente especiais. Como, por exemplo, ter alguns destes miúdos, de passado complicado, a actuar nos espectáculos que fazemos para obras sociais. O impacto que tem verem-se a eles próprios no papel de agentes de solidariedade social é enorme”.

O TRABALHO DE SER FELIZ

Não é fácil equilibrar as contas de áreas tradicionalmente deficitárias como reinserção social, formação e cultura, assim como manter sucesso e reconhecimento público durante 30 anos, numa actividade como o circo, que ainda é vista por muitos como marginal. Será magia? Teresa Ricou diz que não. “Sou

No último andar do edifício principal funciona a Casa do Castelo, um lar de transição para jovens em risco



uma obsessiva. Tenho obsessão pela sedimentação dos projectos e das coisas que se fazem. O meu projecto de vida foi mostrar ao mundo que isto podia ser feito e está feito. É um modelo único que para ser bem sucedido tem toda uma economia social a sustentá-lo. Portugal está falido, mas conseguimos acertar as nossas contas. Tudo porque trabalho muito. Consegui estabelecer parcerias com as mais diversas entidades, públicas e privadas, para tornar isto sustentável”. Assume sem constrangimentos que é ela a alma do Chapitô, mas elogia o trabalho das cerca de 120 pessoas que a ajudam a levar o seu projecto por diante. Lamenta, porém, a dificuldade de encontrar gente com a sua capacidade de entrega: “O rigor,

a exigência e a persistência têm de ser enormes. Este ‘filho’ é fantástico, só me tem dado alegrias, mas dá muito trabalho ser feliz”. Assume, com orgulho, que muitas portas se têm aberto devido

CAUSAS COMO A SUSTENTABILIDADE SÃO UM COMPLEMENTO NATURAL DE UM PROJECTO QUE NASCEU VANGUARDISTA

à sua teimosia: “Acho que sou assustadora. As pessoas quando me vêem pensam logo que não descanso enquanto não levar tudo à frente. E a verdade é que tudo se conquista”. A mulher que diz que “as pesso-

as que não se riem não são pessoas sérias”, já viu seriamente reconhecido o seu trabalho. Em Julho passado recebeu a Medalha Municipal de Mérito Cultural Grau Ouro da Cidade de Lisboa das mãos do presidente da autarquia. Mas há anos que o seu Chapitô adquiriu formalmente o estatuto de utilidade pública de manifesto interesse cultural, de ONG para o desenvolvimento e de Instituição Particular de Solidariedade Social, reconhecimento que não tem em Teresa Ricou qualquer efeito acomodatício. Quando abriu a loja de artesanato e materiais reciclados assumiu, no texto de apresentação aos media, a vocação do Chapitô para “reciclar o mundo, pessoas e sítios”. Tarefa que, como se imagina, não lhe dá tréguas. **R**

ACTIVISTA EM NOME DA TERRA

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DO GIL, MARGARIDA PINTO CORREIA JÁ TRABALHOU COMO JORNALISTA, PROFISSÃO QUE LHE DEU A CONHECER O MUNDO ONDE OS RECURSOS NATURAIS SÃO FINITOS E DESVALORIZADOS. TORNOU-SE UMA GUERRILHEIRA EM PROL DA CONSERVAÇÃO DO AMBIENTE E TEM NA FAMÍLIA A MAIOR ALIADA.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos Filipe Pombo/AFFP

“O que me preocupa é a manutenção do planeta a um nível global; penso que a maioria das pessoas não compreende que os recursos são finitos”, afirma Margarida Pinto Correia, ex-jornalista e actriz, actualmente à frente da Fundação do Gil, organização que apoia a inserção de crianças e jovens institucionalizados por longos períodos de tempo. “É preciso olhar para o que se passa noutros países. Foi nas reportagens que fazia enquanto jornalista que percebi as grandes divergências ao nível da legislação entre os diferentes continentes e até países”, lamenta. “Será legítimo que uma nação do dito primeiro mundo, que apenas pode produzir “X” toneladas de CO₂, possa comprar o restante a países em vias de desenvolvimento? É de um “umbiguismo”!”, indigna-se.

Também nas duas reportagens em que se deslocou à Antárctida compreendeu que “o impacto das nossas acções revela-se mesmo nos espaços mais longínquos”. A título de exemplo: esta terra sem dono perde actualmente cinco mil milhões de toneladas de gelo por ano e já sofre de excesso de tráfego turístico, o que ameaça a fauna local. “Só porque não está sujeita a um poder subjacente, quase ninguém fala desta questão”.

Margarida Pinto Correia acredita, porém, no poder do indivíduo enquanto elemento de mudança. Em casa instalou painéis solares, energia limpa que permite baixar significativamente o consumo de electricidade e gás. “A questão não é apenas poupar por razões

económicas, mas sim para gastar menos do que a Terra tem para nos oferecer”, diz. Em casa a água é poupada ao centímetro cúbico: a que sai fria do duche é recolhida num balde e usada para descargas sanitárias; a que sobra da limpeza de legumes serve para lavar a louça. Quanto às roupas das crianças, vão passando dos mais velhos para os mais novos. “Sempre foi assim na minha família”, explica Margarida. “Como eu era a mais nova de todos os irmãos e primos, tive de crescer imenso aos 14 anos para finalmente ter direito a uns trapos novos”, recorda risonha. Os filhos compreendem. “Aliás, são os mais fundamentalistas de todos. Volta e meia envergonham-nos, porque chegam a casa dos nossos amigos e perguntam: Onde está o lugar para guardar os plásticos?”.

Por acreditar na juventude a ex-jornalista considera-se uma eterna optimista. “Vejo sempre o copo meio cheio”, garante. Para já começou a “evangelizar” os seus. “Há dois anos estive com o meu filho de 10 num retiro na comunidade de Findhorn, na Escócia”, conta. “Lá vivem em perfeita comunhão com o planeta, retirando do solo aquilo que consomem, com grande componente espiritual”. Aprendeu formas alternativas de tratamento de esgotos e visitou projectos-piloto que visam equilibrar a presença humana na Terra. Pena que mais crianças não tenham acesso a este tipo de informação: “É que elas absorvem como ninguém a noção de finitude; são como esponjas”. **R**



“O planeta é como o corpo humano: se o maltratarmos ele resente-se”, afirma Margarida Pinto Correia, administradora-executiva da Fundação do Gil



CIRCULAR VERDE

A administradora da Fundação do Gil optou por um carro híbrido, cujo arranque e circulação até aos cerca de 30 kms/hora utiliza energia eléctrica e não combustíveis fósseis.



POUPAR Ao usar lâmpadas de baixo consumo, Margarida Pinto Correia não só diminui a factura da electricidade, como reduz as emissões de CO₂.



LIMPEZA ECO Se por um lado utiliza a água de lavar legumes para a limpeza da louça, por outro Margarida prefere detergentes amigos do ambiente.



ÁGUA PRECIOSA Para poupar um dos mais preciosos bens do planeta, Margarida usa a água fria que sai antes do duche para descargas sanitárias.



ENERGIA SOLAR Ao instalar painéis solares na sua residência a ex-jornalista poupa energia eléctrica, sobretudo no que concerne ao aquecimento de águas. E sem danos para o ambiente.



SEPARAR MATERIAIS Depositar nos locais apropriados embalagens de papel, plástico e vidro, pilhas e lâmpadas já faz parte do quotidiano de Margarida. Os filhos são os principais entusiastas.

FUNDAÇÃO DO GIL, UMA PAIXÃO

Há cerca de sete anos Margarida Pinto Correia foi convidada a dar visibilidade à Fundação do Gil. Hesitou. Por um lado começava a sentir-se realizada como actriz, por outro receava falhar. Mas achou que não tinha o direito de recusar ajudar quem mais precisa – crianças e jovens com longo historial de institucionalização. A sua presença deu novo fôlego à instituição: está disponível para apoiar 93 hospitais públicos; dispõe de Unidades Móveis de Apoio ao Domicílio (UMAD) e tem a Casa do Gil. Com capacidade para 16 crianças, é o primeiro centro de acolhimento temporário pós-hospitalar no nosso país. Margarida, entretanto, deixou definitivamente o jornalismo e os palcos, assumindo-se como a administradora-executiva da fundação.



É NATAL? OUTRA VEZ?

NÃO ENTRE EM PÂNICO. A RECICLA PREPAROU UM MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA A PENSAR NAQUELES QUE CONTAM ANSIOSAMENTE OS DIAS ATÉ 25 DE DEZEMBRO E NOS QUE, SE PUDESSEM, ELIMINAVAM A DATA DO CALENDÁRIO. COM OU SEM RABANADAS, SAIBA COMO TIRAR PARTIDO DA FESTA.

Texto Teresa Violante

Fotos Cedidas

O tempo passa a correr e quando damos por nós já é Natal. De novo. Amada ou odiada, esta quadra não deixa quem quer que seja indiferente. E há várias formas de celebrá-la, da tradicional consoada em família a dias de férias na neve ou na praia, ou numa festa com amigos, longe dos cânticos natalícios, das rabanadas e azevias. Seja qual for a sua forma ideal de festejar o Natal, a RECICLA deixa-lhe algumas dicas para desfrutar ao máximo. E já sabe: para o ano há mais. **R**

COMO CELEBRAR O 25 DE DEZEMBRO SE...

...é vegetariano

- Prepare uma ceia alternativa e surpreenda a família com uma consoada sem peixe nem carne – substitua o bacalhau por seitan ou tofu (sugestões em www.centrovegetariano.org).
- Procure receitas confeccionadas com frutos secos – são saborosos e costumam agradar a toda a gente.
- Com graça e sem paternalismos, partilhe com os seus familiares as vantagens da dieta vegetariana, quer para a saúde quer para o planeta.

...abomina o Natal

- Se o orçamento permitir, rume a um destino tropical. De chinela no pé e com um cocktail na mão nem notará que é 25 de Dezembro.
- Convide os amigos que também detestam a quadra e organize um jantar temático alternativo: anos 60, Verão, máscaras de Carnaval...
- Tire férias: as vezes que ouvirá, mesmo em contactos profissionais, as expressões “boas festas” ou “feliz Natal” darão consigo em doido!
- Evite centros comerciais ou outras grandes superfícies.

...é maníaco da ecologia

- Faça as suas próprias prendas. A Cidade das Hortas (cidadedashortas.blogspot.com) realizou recentemente o workshop Feito por mim – fique atento. A Latita Catita organiza um workshop para os mais novos já no dia 18, na Fnac de Coimbra.
- Evite o desperdício, do papel de embrulho à comida.
- À mesa, privilegie os produtos locais e da época.
- Opte por um pinheiro natural num vaso, do qual possa cuidar ao longo do ano. Em alternativa, adquira uma árvore artificial, que poderá reutilizar, ou uma natural vendida pelos bombeiros ou câmaras municipais, que garantem a sustentabilidade do corte.

...vive para ajudar o próximo

- Participe nas acções de uma instituição de solidariedade social e ajude a organizar uma ceia ou festa de Natal.
- Junto de familiares, amigos e conhecidos recolha donativos para apoiar uma causa social.
- Peça a familiares e amigos para, em vez de lhe darem prendas, doarem esse dinheiro a uma instituição que admira e necessita de apoio.
- Convide a vizinha que passa a quadra sozinha a reunir-se com a sua família para a consoada.

...é um fã da quadra

- Faça um grande jantar, reunindo a família. Convide toda a gente – até os primos em segundo grau que só vê de anos a anos.
- Organize um lanche ou jantar de Natal com os colegas.
- Faça queques saborosos e ofereça-os aos seus vizinhos.
- Crie cartões personalizados de boas festas e envie-os para amigos, colegas e contactos profissionais.

...está a trabalhar

- Improvise um ambiente natalício: decore as instalações com bolas e fitas, faça uma árvore de Natal, coloque uma vela na secretária.
- Desafie os colegas que também estão a trabalhar a levarem um prato ou sobremesa e façam uma consoada.
- Reserve cinco minutos para desejar boas festas a quem mais gosta.

...está longe da família e amigos

- Ligue-se aos seus via Skype – com webcam poderá ver e conversar com familiares e amigos, o que ajudará a encurtar a distância.
- Não se isole – ficar sozinho nestas alturas não é a melhor solução. Perceba os costumes locais e tente inserir-se nalgum evento.
- Escreva uma carta aos mais pequenos a explicar-lhes a sua ausência e envie-lhes fotos do trabalho que está a realizar longe de casa.

GUIA DE PRENDAS

SUSTENTÁVEIS

• Cremes frescos ▼

Comprometida com o ambiente, é à natureza que a marca Lush vai buscar os ingredientes para o fabrico das linhas de cosméticos. Frutas e vegetais frescos são a fórmula secreta de sabonetes, gel de banho e champô, cremes de rosto e corpo, ou perfumes, entre outros. Não testada em animais, a Lush assume um comportamento ético com o planeta. Em Portugal existem dois pontos de venda – Centro Comercial Oeiras Parque e Centro Comercial Amoreiras, em Lisboa – sendo ainda possível fazer compras online (www.lush.pt).

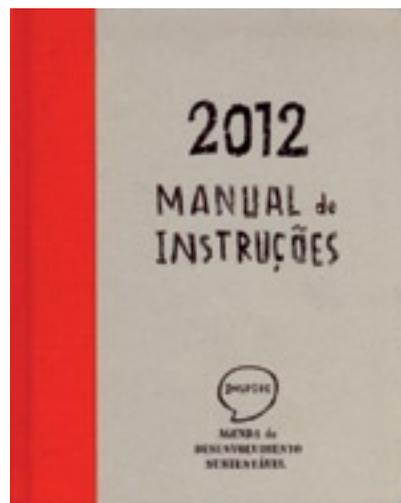


• Elegância criativa ▲

“Num mundo onde tudo já foi inventado, acredito que tão importante como uma boa ideia é o que se faz com ela e como a desenvolvemos”, diz Tânia Anselmo. E como desenvolve a sua ideia? Com criatividade, qualidade e design. Assim surgem as criações Garbgags feitas com materiais improváveis. Porque um pacote de café pode ser transformado numa mala resistente, ou um tubo de pasta de dentes num estojo. Cada peça Garbgags é cortada individualmente e os materiais são recolhidos em Portugal.

• Agenda inspiradora ▼

Com o aproximar do novo ano a Inspire – Comunicação para o Desenvolvimento Sustentável, lança mais uma edição da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável. Agora com capa reforçada e lombada mais resistente, mantém o espírito de manual de instruções dos anos anteriores, com informações e dicas preciosas para um quotidiano ecológico e solidário. Os dias assim têm mais sabor.



• Lixo ou brinquedos? ◀

Filho de um mestre de mamulengo (representações dramáticas com bonecos-actores, espécie de “D. Roberto”), o brasileiro Simão Bolivar, a residir em Portugal desde 2006, dá vida a peças que aos olhos de outros teriam como único destino o lixo. Caixotes de madeira, latas, cápsulas de café ou guarda-chuvas são alguns dos materiais que usa nos brinquedos artesanais. Mais do que para crianças, estas criações destinam-se a adultos – não cumprem as normas de segurança vigentes para o manuseamento pelos mais novos. Um convite à infância.

SOLIDÁRIAS

• Ofertas à medida ▼

Pelo sexto ano a Fundação Fé e Cooperação lança a Campanha Presentes Solidários. Até dia de Reis, 6 de Janeiro, é possível escolher prendas à medida das comunidades vulneráveis dos países lusófonos e do Sudão do Sul. Essas necessidades foram identificadas por parceiros no local em áreas tão importantes como saúde, educação e infra-estruturas. Os produtos são comprados nos próprios países onde serão usados, de modo a estimular o comércio da região. Os presentes solidários podem ser adquiridos online (veja o catálogo em www.presentessolidarios.pt) e oferecidos a um familiar ou amigo, que recebe um postal com indicação do produto doado. Prendas com sentido.



PRESENTES
SOLIDÁRIOS
DAR A DUPLICAR!
2011

• Peluches para todos ►

A campanha de Peluches da Ikea este ano é a dobrar. Com o mote "Give Twice" (dar duas vezes) apoia a UNICEF e Save The Children, e unidades pediátricas de hospitais portugueses. Basta comprar dois peluches Ikea. O valor de um é totalmente doado à Unicef e à Save The Children (um euro), e o outro é colocado num contentor próprio para o efeito, que depois será entregue a unidades pediátricas de hospitais como Maria Pia, Santa Maria, Pedro Hispano e Maternidade Alfredo da Costa.



• Ajuda a tiracolo ▲

Três amigas, bom gosto e as mãos habilidosas das reclusas do Estabelecimento de Tires dão forma às malas Reklusa. Elegantes, estes modelos são mais do que acessórios de moda. As mulheres envolvidas na confecção das colecções recebem à peça, montante que fica cativo até ao final da pena, um pé-de-meia precioso para uma nova vida fora das grades. As malas Reklusa encontram-se à venda no espaço da marca na Lx Factory, em Lisboa (veja outros pontos em <http://reklusa.wordpress.com>).

• Um afilhado especial ◀

Girafas, rinocerontes, macacos, flamingos ou leões são alguns dos muitos habitantes do Jardim Zoológico de Lisboa à espera de um padrinho. O Kit Padrinho, à venda na loja do Zoo, inclui uma mochila e o diploma do animal apadrinhado, além de vários descontos nos espaços da instituição. O padrinho acompanhará o crescimento do afilhado, a sua alimentação e brincadeiras, e é convidado a participar num dia especialmente dedicado aos padrinhos.



DA TERRA



• Cultura de comer ▼

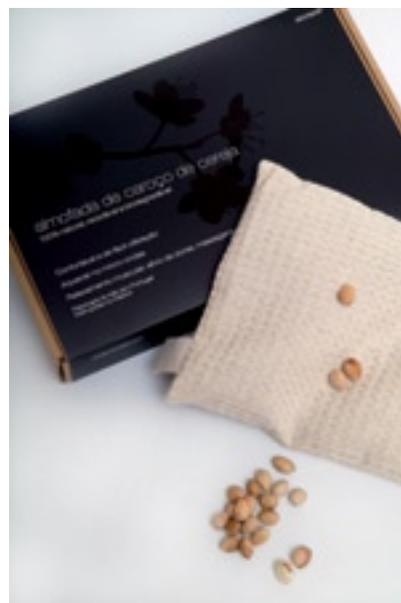
Há bolachas e chá, compotas e mel, azeite e vinagre balsâmico, queijo com malaguetas, e muito mais no Bazar de Natal da Fundação de Serralves, no Porto. Oriundos de diversos fornecedores, entre os quais mecenas da Fundação, como a Oliveira da Serra, surgem em embalagens e caixas exclusivas da instituição.

• Mimos achocolatados ▼

Desde 1933 que a confeitaria Arcádia, nas mãos da família Bastos, adoça a boca de miúdos e graúdos. Chocolate em tabletes ou em bombons, de leite ou com amêndoa, com vinho do Porto ou sabor a café, rosa, morango ou tangerina, são preparados de forma artesanal. Há ainda línguas de gato – muito afamadas e cobiçadas – e drageias de licor Bonjour, decoradas e pintadas à mão. Quem resiste?

• Planície gourmet ◀

Vinho e azeite são as principais iguarias dos cabazes da Adega Mayor, projecto de Rui Nabeiro, situado em Campo Maior. Homenagem aos sentidos e à região alentejana, incluem outros deleites como uvas com chocolate e queijo de ovelha em azeite. Há ainda um *blend* exclusivo de café Delta e um conjunto de chávenas Siza Vieira.



• Cerejas relaxantes ▲

Deliciosas na boca, as cerejas são também um bálsamo para o corpo. As cerejas não, os caroços. A empresa portuguesa Ricoxete, de José Miguel Amorim, criou uma almofada com cerca de 1.500 caroços de cereja que, depois de aquecida no microondas (um ou dois minutos na potência máxima), alivia dores abdominais, lombares, cervicais e musculares, tendinites e cólicas dos bebés. Confortável e relaxante, é hipoalergénica e biodegradável. E fomenta a integração social: os caroços são lavados por reclusos do Estabelecimento Prisional de Sintra e as almofadas cosidas por reclusas de Tires, que recebem à tarefa, mais uma percentagem sobre as vendas.



É UMA CADEIRA QUE FAZ A DIFERENÇA?

A ARQUITECTURA E O ESTIGMA SOCIAL SÃO OS PRINCIPAIS ENTRAVES À EMPREGABILIDADE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. SALVADOR MENDES DE ALMEIDA, TETRAPLÉGICO HÁ 13 ANOS, É O ROSTO DA LUTA POR UM PORTUGAL MAIS SOLIDÁRIO E ACESSÍVEL PARA TODOS, BATALHA QUE TRAVA ATRAVÉS DA ASSOCIAÇÃO QUE FUNDOU E DO PROGRAMA QUE CRIOU NA RTP.

Texto Miguel Amaral Monteiro

Fotos AFP

Aos 16 anos, como tantos jovens da sua idade, Salvador Mendes de Almeida praticava vários desportos, namorava e saía à noite. No final de um dia de Agosto seguia a 40 km/h na sua mota quando adormeceu ao volante. Ficou tetraplégico, mas não imóvel. Mais do que a promessa feita por médicos espanhóis de que voltaria a andar dentro de dez anos, foi no seu íntimo que encontrou força para seguir em frente. Licenciou-se em Marketing e Publicidade e, em 2003, fundou uma associação com o seu nome (www.associacao-salvador.com). “Criei a Associação Salvador com a missão de promover a integração das pessoas com deficiência motora na sociedade e melhorar a sua qualidade de vida”, informa no site da Associação. E acrescenta: “Desde que me desloco numa cadeira de rodas que me deparo com muitas atitudes precon-

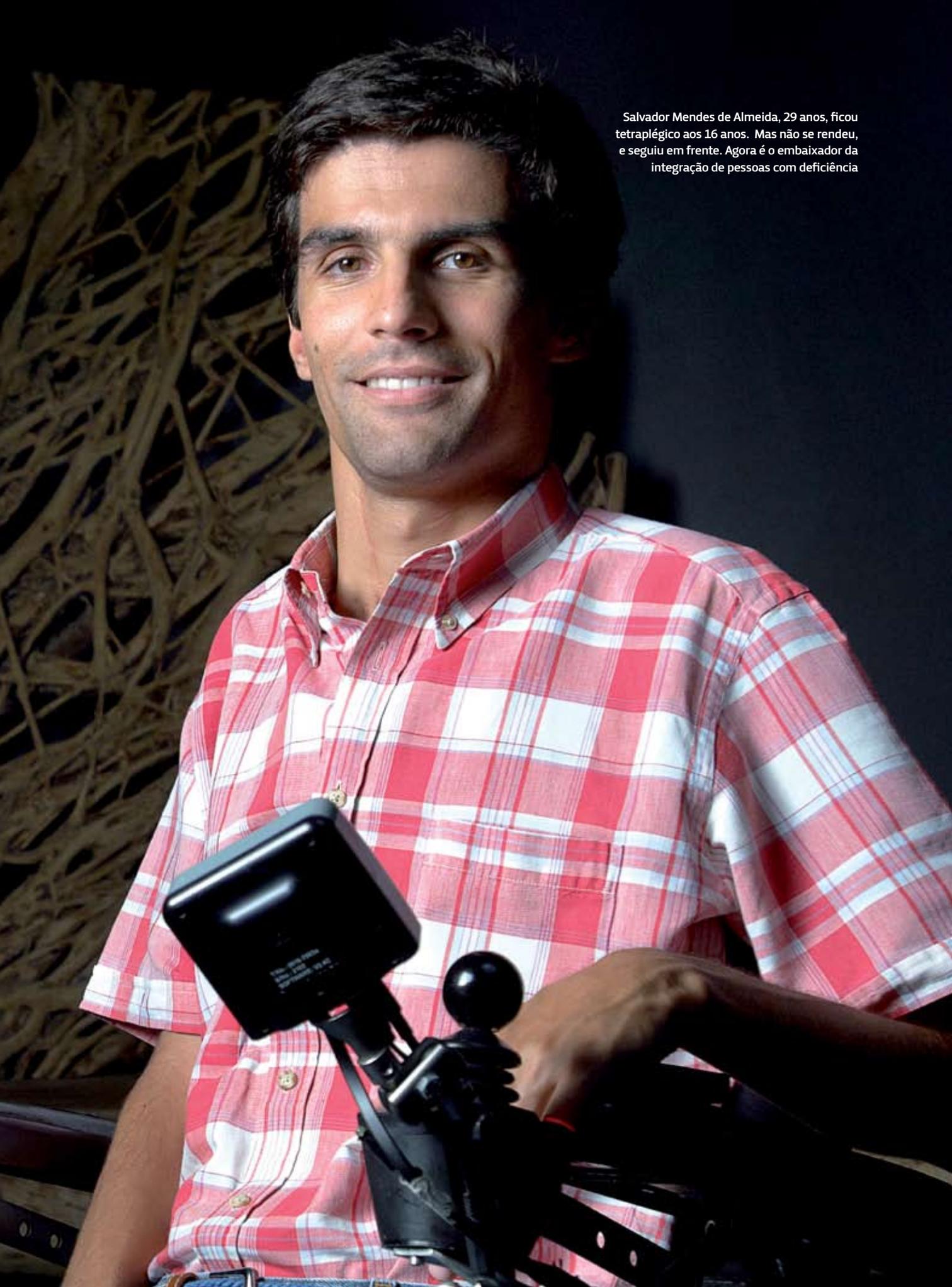
ceituosas que, muito honestamente, me surpreendem e entristecem, pois muitas pessoas não conseguem perceber que as pessoas com deficiência não são ‘coitadinhas’ e podem ser felizes e realizadas”. Em 2007 publicou *Salvador – Ser feliz assim*. “Esta é a história de um rapaz que com uma coragem única se fez homem e, porque não perdeu a esperança, se salvou”, escreve o médico João Lobo Antunes no prefácio. E acrescenta: “Os privilégios do berço que facilitaram a sua reintegração social criaram nele a obrigação sentida de partilha com outros das suas experiências, e para tentar contribuir para criar condições que facilitem a vida de quem sofre deste tipo de *handicaps*”. A tarefa não é fácil, principalmente num país onde anualmente os acidentes na estrada “deixam mais de 3.000 pessoas com sequelas para o

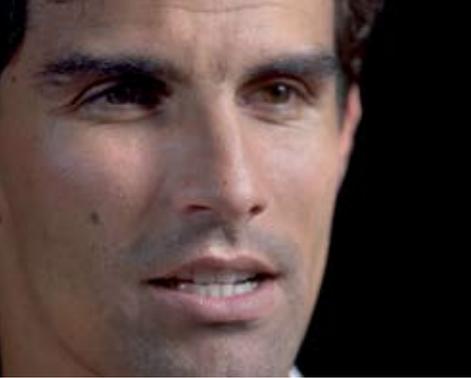
resto da vida” e onde “a pensão de invalidez é de 200 euros, mas gasta-se entre 800 a 1.000 euros em tratamentos e fisioterapia”, desabafou numa entrevista, em 2009. Assim, não espanta que “a situação sócio-económica dos agregados familiares das pessoas com deficiência seja complicada, ao ponto de, por vezes, comprometer a dignidade das pessoas”. O propósito de Salvador é devolver-lhes a dignidade.

De que forma o livro *Salvador – Ser feliz assim* serviu de empurrão à Associação Salvador?

Foi uma feliz coincidência porque foi lançado em Dezembro de 2007 e foi nessa altura que a Associação Salvador foi reconhecida com o estatuto de utilidade pública. A Associação existia desde 2003, mas nos primeiros anos não tinha estrutura profissionalizada, realizando apenas

Salvador Mendes de Almeida, 29 anos, ficou tetraplégico aos 16 anos. Mas não se rendeu, e seguiu em frente. Agora é o embaixador da integração de pessoas com deficiência





“Não nos deixarmos abater e fortalecermos a nossa mente é meio caminho andado para estarmos integrados, felizes e realizados com o que temos”, assegura Salvador Almeida

alguns eventos de convívio. Com o lançamento do livro houve quem se sensibilizasse com o meu percurso, o que permitiu angariar apoios de empresas e particulares, e reunir um conjunto de pessoas que trabalham e colaboram com a associação.

A Associação organiza eventos de convívio bimestrais (lúdicos culturais ou desportivos). Disse numa entrevista que só cresceu quando esteve com outras pessoas com o mesmo tipo de limitações. Como é que este contacto estimula o “desenvolvimento saudável da estrutura psicológica”?

Através da partilha. Quando alguém com deficiência motora convive com outras pessoas com o mesmo problema ou problemas semelhantes, e que passaram por fases idênticas, torna-se mais fácil aceitar as suas próprias limitações e barreiras. Por vezes pensamos que há coisas que nos são impossíveis de alcançar por estarmos numa cadeira de rodas, como fazer desporto, trabalhar ou namorar. Mas há quem tenha mais limitações do que nós e consiga. Se ele é capaz eu também serei. Acrescento que a Associação Salvador também disponibiliza desporto adaptado no Parque de

Jogos 1º de Maio, em Lisboa, numa parceria com a Fundação Inatel.

Estudos indicam que 8,2% da população portuguesa tem algum tipo de deficiência ou incapacidade. Destes, apenas 28,7% dos homens e 24,1% das mulheres têm uma actividade profissional. Que percentagem destes 8,2% pode efectivamente trabalhar?

Em Portugal não existem estudos

“OCUPAR INDEVIDAMENTE LUGARES RESERVADOS A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, DOENTES, ETC. É UM PROFUNDO DESRESPEITO”

estatísticos exaustivos que nos permitam saber ao certo quantas pessoas com deficiência têm perfil de empregabilidade. De qualquer forma, cada pessoa, independentemente do tipo de deficiência, tem com certeza as suas competências e o importante é focar-se nelas, para que possa desempenhar as funções de que é capaz. O grupo de pessoas com deficiência é heterogéneo. Costumo dizer que cada caso é um caso. É preciso ser criativo

e sair “fora da caixa” para encontrar soluções. Por exemplo, uma empresa dinamarquesa de software decidiu contratar apenas pessoas com autismo para testar software, porque a sua capacidade para estarem atentos a pormenores é muito superior à das restantes pessoas.

Quais são os principais entraves à entrada no mercado de trabalho?

Há dois factores principais: as barreiras sociais e as barreiras arquitectónicas. No primeiro caso refiro-me a comportamentos e atitudes estereotipados, que passam por considerar que as pessoas com deficiência não são capazes de trabalhar. No segundo caso, por exemplo, se uma empresa não tem rampas de acesso ou elevadores que permitam a entrada de pessoas que se deslocam em cadeira de rodas, como é que elas podem trabalhar?

A Associação Salvador tem vários projectos de apoio à empregabilidade. Quantas pessoas conseguiram trabalho através da vossa iniciativa “Apoio ao Emprego”?

Na área da integração profissional posicionamo-nos como agente facilitador entre candidatos e empresas. Este ano mediámos o processo

O médico João Lobo Antunes escreveu no prefácio de *Salvador - Viver feliz assim*:
“Esta é a história de um rapaz que com uma coragem única se fez homem e, porque não perdeu a esperança, se salvou”

de integração profissional de pelo menos seis pessoas com deficiência motora, mas não temos um número definitivo, porque não acompanhamos o processo depois de estar na mão dos nossos parceiros.

É fundamental sensibilizar as empresas para a contratação de pessoas com deficiência motora, desmistificar preconceitos e potenciar oportunidades de emprego, apelando para que as empresas abram as suas portas e confirmem a capacidade de trabalho das pessoas com deficiência. Muitas vezes os empresários têm medo do desconhecido. Por isso, na Associação Salvador também divulgamos testemunhos de pessoas com diferentes tipos de deficiência motora que estão plenamente integradas em termos profissionais.

Muitas pessoas com deficiência conseguem emprego pelos próprios meios. Para estimular essa proac-

“O SITE PORTUGAL ACESSÍVEL É UMA FERRAMENTA IMPORTANTÍSSIMA E TODAS AS PESSOAS PODEM USUFRUIR DELA”

tividade promovemos iniciativas que visam o desenvolvimento de competências de procura activa de emprego ou marketing pessoal, para que aumentem o auto-conhecimento sobre o seu valor e o utilizem como mais-valia.

A plataforma online Portugal Acessível reúne informação sobre a acessibilidade em diferentes espaços. Quantos visitantes recebem mensalmente e quantos locais estão referenciados?

Em 2011 recebemos mais de 7.200 visitas por mês. O site contém informação sobre mais de 3.500 locais em Portugal, divididos pelas categorias alojamento, cultura e lazer, restaurantes, saúde, transportes e utilidades.

Costuma utilizar a informação do site?

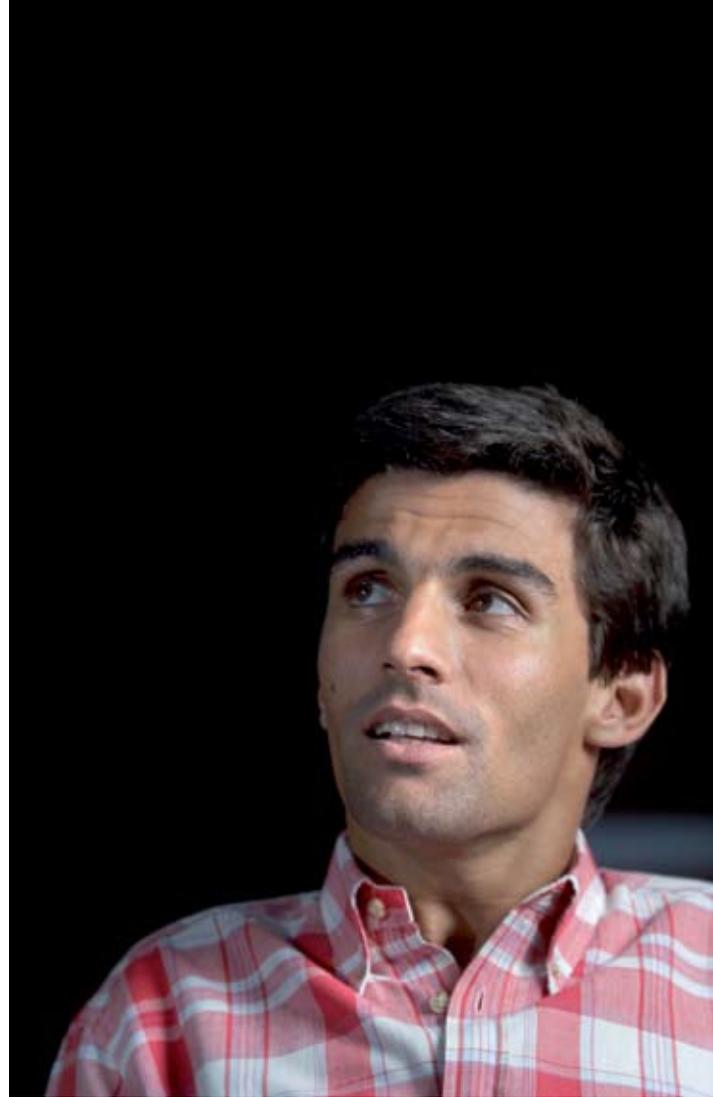
Claro. Recorro ao site para planear as minhas férias e fins-de-semana, ou quando vou almoçar fora com amigos. É uma ferramenta importantíssima e todas as pessoas podem usufruir dela. Por exemplo, é grande ajuda para operadores turísticos que têm de acomodar famílias em que um dos elementos tem limitações físicas.

Entre as categorias elencadas no site há alguma mais deficitária em termos de acessibilidade?

Em Portugal as áreas com melhores acessibilidades são a Grande Lisboa e o Grande Porto. O restante território tem grandes carências, sobretudo ao nível de transportes públicos. Claro que há excepções, como a iniciativa Lousã Acessível, que até tem um selo que indica os locais com boa acessibilidade. É um exemplo que poderia replicar-se noutras cidades.

No ano passado foi embaixador para a área da deficiência do Ano Europeu de Combate à Pobreza e Exclusão Social. Que balanço faz desta iniciativa?

Muito positivo. Estamos todos mais sensibilizados, mas não tenemos



dúvidas: não se acabou com a pobreza nem com a exclusão social e, no momento em que o país vive, provavelmente estaremos pior no final de 2011 do que estávamos no início de 2010. No entanto, os portugueses são muito solidários, desde que lhes seja bem explicada a forma como podem ajudar. Uma dessas formas é através da nossa iniciativa Preencha Esta Vida (www.preenchaestavida.com), plataforma de *crowdfunding*. Os donativos dos nossos mecenas não são suficientes para responder a todos os pedidos de ajuda que nos chegam no âmbito do projecto “Acção Qualidade de Vida”. Esta forma de angariação de fundos, desenvolvida em parceria com a Link Consulting, permite que todos possam apoiar com o valor que entenderem – basta um euro – os casos que já foram sujeitos a análise prévia por parte de um júri e classificados como mais urgentes.



“Aprendi que temos de viver com as nossas próprias limitações, sejam elas físicas, financeiras, emocionais, etc.”, partilha Salvador Almeida

No metro, os lugares reservados a deficientes, doentes ou idosos, e grávidas, etc., estão quase sempre ocupados indevidamente. Isto é sintoma de quê?

É sintoma de profundo desrespeito, tal como é estacionar em cima do passeio ou em locais reservados a condutores com deficiência motora. Ou se trata de ignorância ou de pessoas bastante insensíveis, que não param para pensar. As pessoas com deficiência, e a população em geral, devem intervir perante estas situações.

A Associação promove nas escolas o respeito pela diferença e a igualdade, desafiando os alunos a apresentar propostas. Em 2010 o projecto vencedor foi “É uma cadeira que faz a diferença?”. Em que consiste?

Esse projecto foi seleccionado pelo júri, composto por representantes da Associação e da Agência MSTF Partners, como sendo o melhor para desenvolver uma campanha de sensibilização. A ideia partiu dos alunos João Cabral, Rita Correia, Soraia Azinheira e Tiago Fernandes, do Agrupamento de Escolas do Forte da Casa. Com base nesta campanha a Partners desenvolveu duas peças: um anúncio para a imprensa, que foi divulgado *pro bono* em várias revistas, e um spot para várias rádios. Realizamos esta iniciativa junto de alunos do 3º ciclo e do secundário. As escolas que participam candida-

tam-se a acolher uma palestra da Associação Salvador. No ano lectivo 2010/2011 o tema foi a integração e tinha o mote “Se todos fizermos a nossa parte é mais fácil ajudar quem precisa”. Candidataram-se 32 escolas, com 64 campanhas.

Que balanço faz das vossas campanhas de sensibilização rodoviária?

O balanço é positivo. Fizemos várias campanhas em que percorremos diversos pontos de diversão noc-

“É MUITO DIFÍCIL VIVER COM UMA DEFICIÊNCIA FÍSICA, MAS TEMOS DE SABER LEVAR AS COISAS E, SOBRETUDO, FOCAR-NOS NO QUE SOMOS CAPAZES DE FAZER, E NÃO NO CONTRÁRIO. A NOSSA MAIOR FERRAMENTA É A FORÇA DA NOSSA MENTE”

turna, sempre acompanhados por voluntários em cadeiras de rodas. O feedback das pessoas que contactamos é bastante positivo. Dão-nos sempre os parabéns pela iniciativa e incentivam-nos a continuar o nosso trabalho. Há grupos de jovens que nos abordam e dizem-nos que há sempre um elemento que não bebe, para poder conduzir, ou que, se beberem, partilham um táxi no regresso a casa. É bom saber que há várias estratégias para que as pessoas se divirtam de forma res-

ponsável. Um acidente rodoviário pode mudar a vida a uma pessoa, tanto a quem o causa como, mais grave, a terceiros. Como é que se vive com o peso na consciência de matar ou incapacitar alguém?

No seu caso, voltar a andar depende de avanços científicos? Como é que se vive com esta espera?

Depende de investigações neurológicas. Acompanho pontualmente os progressos nesta área, mas não vivo a pensar nisso, senão, não se consegue viver. Ao longo destes 13 anos em que estou tetraplégico aprendi que temos de viver com as nossas próprias limitações, sejam elas físicas, financeiras, emocionais, etc.. É muito difícil viver com uma deficiência física, mas temos de saber levar as coisas e, sobretudo, focar-nos no que somos capazes de fazer. Consigo falar ao

telefone, consigo deslocar-me numa cadeira de rodas eléctrica, consigo comer sozinho, etc.. A nossa maior ferramenta é o nosso pensamento e a força da nossa mente. Não nos deixarmos abater e fortalecermos a nossa mente é meio caminho andado para estarmos integrados, felizes e realizados com o que temos. É claro que por vezes pensamos no que não conseguimos fazer, como jogar futebol, e é bom ter essas saudades, mas pensar apenas nisso não nos leva a lado algum. **R**

COMO ORGANIZAR UMA ECO-FESTA

A QUADRA QUE SE APROXIMA – NATAL E PASSAGEM DE ANO – É O MOMENTO CERTO PARA ADOPTAR HÁBITOS FESTIVOS QUE RESPEITEM O AMBIENTE. PORQUE É POSSÍVEL DIVERTIR-SE SEM DEIXAR PEGADA.

Texto Teresa Violante

Foto Thinkstock

1 – Todos juntos

Reúna a família num só local – sogros e cunhados, primos e sobrinhos. Evite o hábito de andar de casa em casa – muitas vezes as distâncias são longas e implicam o uso do carro. Se possível, implemente um sistema de boleias entre familiares que vivem próximos uns dos outros: menos carros, menos poluição.

2 – Preparativos responsáveis

Privilegie produtos a granel: evita embalagens desnecessárias e leva os alimentos na conta certa. Atente ao preço e à origem: os artigos nacionais percorreram menos quilómetros para chegar até si. Compre frutas e legumes da época – comer morangos nesta altura implica um gasto excessivo de energia. Até que ponto o seu Natal será mais feliz com esta fruta à mesa? E leve sacos para transportar as compras.

3 – Decoração que dura

Resista à tentação de todos os anos adquirir novos adereços para a casa ou para a árvore de Natal. Aposte, antes, em bens duráveis e intemporais – há variantes, mas as cores verde e vermelho para esta quadra não sairão de moda.

4 – Bebidas caseiras

Faça os próprios refrescos em vez de comprar refrigerantes. Não só são mais saudáveis como implicam menor consumo de embalagens. Chás ou infusões frias, em vez dos comuns *iced tea*, são excelentes opções.

5 – De faca e garfo

Os momentos especiais devem ser saboreados ao pormenor. Nem pense em usar pratos, copos ou talheres de plástico com o argumento de que é mais prático e poupa tempo a lavar a loiça. Com copos de vidro, pratos de porcelana ou pirex, e talheres de inox, toalha de tecido ou individuais noutro material durável a mesa fica, sem dúvida, mais bonita. E é mais benéfico para o ambiente.

6 – Luz q.b.

A altura é de festa. Porém, tal não significa consumo em excesso. Ilumine a casa, mas não caia na tentação de acender todas as lâmpadas de todas as divisões, ou ligar as várias televisões de modo a agradar a todos os familiares. Crie um ambiente festivo, mas acolhedor, e privilegie a conversa e os jogos em família em detrimento dos programas televisivos.

7 – Nada se perde

Porque nesta altura a mesa é farta, prepare caixinhas reutilizáveis com o que sobrou da ceia e distribua pelos familiares. Se cada um levar uma parte, não haverá desperdício alimentar.

8 – Limpeza verde

Terminada a festa é hora de arrumar a casa. Use detergentes naturais e amigos do ambiente, compostos por ingredientes biodegradáveis, e em vez de toalhas ou rolos de cozinha opte por panos ou toalhas turcas.



MARCAS ETERNAS

ALGUNS SURGIRAM HÁ MAIS DE UM SÉCULO, MAS TODOS ESTES PRODUTOS SOBERAM COMO SE ADAPTAR ÀS EXIGÊNCIAS DO SÉCULO XXI. REFORMULARAM O DESIGN, APURARAM O CONCEITO E ADERIRAM À RECICLAGEM, ENTREGANDO À SOCIEDADE PONTO VERDE A TAREFA DE TRATAR DOS RESÍDUOS DAS SUAS EMBALAGENS APÓS A INTRODUÇÃO NO MERCADO.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos Ceditas

Saborear um delicioso rebuçado Dr. Bayard, tomar um banho borbulhante entregue aos aromas dos sabonetes Claus ou fazer uma refeição simples e saudável com peixe da Conserveira Nacional são heranças para muitos deixadas pelos nossos avós e que sabem tão bem prolongar no tempo. E os chapéus-de-chuva de chocolate da Regina ou o pão barrado com Tulicreme ao lanche? Podem já não passar de saudosas memórias, mas a boa notícia é que podemos transmiti-las às próximas gerações, porque estas marcas souberam não só adaptar os seus ingredientes às exigências do novo mercado, como aderiram à gestão dos resíduos em que se transformam os produtos embalados depois de utilizados. Solicitaram essa responsabilidade à Sociedade Ponto Verde (SPV), entidade licenciada para gerir resíduos de embalagens não reutilizáveis, que garante o correcto encaminhamento para valo-

rização e reciclagem, dando continuidade à sua vida útil. Refira-se que a adesão ao Sistema Ponto Verde afigura-se como uma solução económica e administrativamente mais vantajosa do que a criação de um sistema de gestão próprio para os resíduos das embalagens não-reutilizáveis dos produtos colocados no mercado nacional. Permite às empresas cumprir as obrigações legais em matéria de gestão de resíduos de embalagens com custos financeiros proporcionais à sua dimensão. E traz-lhes vantagens acrescidas: disponibiliza um certificado que lhes confere o direito de marcar as embalagens dos produtos com o símbolo Ponto Verde – marca registada utilizada em mais de 460 mil milhões de embalagens e 31 países em todo o mundo. Eis sete marcas portuguesas que não dispensaram a sua colaboração e prometem florescer não só no mercado português como no internacional. **R**



BANHOS DE LUXO

O grupo Ach Brito opera desde 1998 com a SPV. Fabricante de essências, sabonetes e outros produtos de higiene e beleza intemporal, o seu volume de vendas foi de mais de 4 milhões de euros em 2010. Marca com forte pendor histórico – existe desde 1887 – explica o seu sucesso “pelo acervo tipográfico extraordinário, com forte know-how na produção tradicional de sabonetes, mas também pela capacidade que tem de se diferenciar das demais marcas precisamente através de uma imagem exclusiva e original”, diz o director-geral da Ach Brito, José Fernandes. “Não criamos nada segundo imagens antigas dos outros, não tentamos ter rótulos com inspiração no que se fazia antigamente, mas sim dar a conhecer a nossa história através da reprodução dos nossos rótulos efectivamente antigos e originais”, reafirma. “De resto, a nível ambiental, separamos correctamente os resíduos de acordo com as suas categorias; recolhemos e tratamos dos resíduos por empresas credíveis e que privilegiem a reciclagem dos mesmos, ou a sua destruição de acordo com todas as normas ambientais exigidas pela legislação”, conclui.

CHUVA DE CHOCOLATE

Um clássico da infância dos menores de 45 anos, as tabletes e chapéus-de-chuva da marca Regina, continuam um sucesso entre a pequenada. Porquê? “Apostamos na qualidade dos ingredientes, substituímos os corantes artificiais pelos naturais e promovemos o envolvimento entre crianças e adolescentes com a própria fábrica”, explica Valdemar Figueiredo, director de produção. Por outro lado, toda a evolução da imagem nunca se alterou notoriamente, levando no entanto ao consumidor uma noção de modernidade. Ao todo, e contando com restantes produtos alimentares da Imperial (empresa da qual a Regina faz parte e integra entre outros produtos como chocolates Belleville, Pantagruel ou Pintarolas) são emitidas mais de 16 toneladas de alumínio, 64 de papéis vários e 87 de plásticos. “Se no início dos anos 90 já tínhamos preocupações em reciclar tudo o que sobrava internamente, a partir do momento em que aderimos à SPV – dos quais somos dos primeiros clientes – todas as nossas preocupações ambientais tornaram-se mais simples”, conclui Valdemar Figueiredo.





SAÚDE BAYARD

Associados à SPV desde à formação desta entidade, os rebuçados e todas as embalagens Dr. Bayard sempre foram naturais, sem aditivos e proporcionaram conforto aos brônquios mais inflamados. Por mês são produzidas 25 toneladas de papel, entre outras tantas caixas de cartão, sacos de plástico e pacotes. Um produto único nacional que soube como sobreviver com sucesso a seis décadas de vida. Sem grandes alterações quanto ao design e componentes activos, mas crescentes preocupações quanto à qualidade do ambiente dos colaboradores nas fábricas, onde as análises do ar, das águas e os fumos são frequentemente examinados.



DELÍCIA DE CHOCOLATE



A Unilever Jerónimo Martins (ULJM) trabalha com a SPV desde Dezembro de 1997, tendo em vista a garantia de uma gestão eficiente da recolha de resíduos, de forma a reduzir o impacto ambiental das embalagens usadas. Desta marca muitos de nós podemos lembrar-nos apenas do Tulicreme, mas são centenas os produtos comercializados pela empresa (alimentares ou não), que em 2010 alcançou um volume de negócios de 44,3 mil milhões de euros.

A ULJM compromete-se a avaliar os aspectos e impactos ambientais, os perigos e os riscos associados à sua actividade, desde a fase inicial de novos projectos. Em caso de emergência garante os meios humanos e materiais e estabelece os procedimentos adequados para garantir a salvaguarda dos ocupantes das instalações, património e a minimização do impacto da ocorrência no ambiente

Um dos exemplos mais ilustrativos da política ambiental do Grupo é o Unilever Sustainable Living Plan (USLP), estratégia que define três metas globais a atingir até 2020: reduzir para metade o impacto ambiental dos produtos da Unilever; ajudar mais de mil milhões de pessoas a actuar para melhorar a sua saúde e bem-estar; e utilizar apenas matérias-primas agrícolas de origem sustentável.



TRIUNFO MEDITERRÂNICO

Uma das marcas mais antigas do mercado nacional – e também uma das primeiras a aderir à SPV – o azeite Saloio mantém o mesmo padrão de qualidade desde a altura que surgiu, apostando num blend tipicamente nacional assente nas azeitonas cobrançosa e galega. “É sobretudo exportada para o mercado da saúde e 10% da produção vendida em Portugal em charcutarias e casas gourmet (num total superior a 4 milhões de euros anuais)”, explica Adriano da Silva, director de exportações. Garante que uma das maiores qualidades do produto é a relação qualidade/preço e o facto de ter sempre sabido manter a embalagem típica dos anos 40, enriquecidos com subtis toques de contemporaneidade.

PRESENTES DO MAR

Localizada na Baixa de Lisboa desde 1930, a Conserveira de Lisboa mantém-se fiel aos seus princípios: ser uma ponte credível entre a produção e os clientes; manter a essência do comércio tradicional e a traça original da loja. Em suma, ser uma verdadeira loja tradicional. “Existe um processo de selecção de lotes de modo a obtermos o melhor das melhores fábricas. Fazemos provas, e depois disso o produto segue para o cliente”, garante Maria Manuel. E ninguém parece insatisfeito. A gerente, após o falecimento de Armando Cabral Ferreira, filho de um dos fundadores, optou por uma das reestruturações urgentes tendo em vista preocupações cada vez maiores com as questões ecológicas. A contratação foi um dos passos fundamentais.

*Uma história,
uma tradição*



AROMAS RECONFORTANTES

A funcionar desde 1884 a fábrica dos chás Gorreana é a mais antiga e popular dos Açores, que move cerca de 750 mil euros anualmente. A produção praticamente não implica a introdução de pesticidas nem fungicidas graças ao clima local que alterna dias quentes com outros mais frescos e chuvadas com temporadas soalheiras. “Não há aranhas e mosquinhas que resistam”, garante Hermano Mota, gerente da Gorreana. A produção é quase biológica, não fosse a necessidade de acrescentar azoto ao terreno. “Mas é sempre uma recompensa emocional saber que as nossas embalagens serão recicladas”, admite.



Na cidade do samba e do Pão de Açúcar há quem
leve a cidadania activa muito a sério. O movimento
Rio Como Vamos prova que a governação não
compete apenas aos políticos



CIDADÃOS MARAVILHOSOS, CHEIOS DE ENCANTOS MIL

UM GRUPO DE CARIOCAS DINÂMICOS NÃO DEIXA AS RÉDEAS DA GOVERNAÇÃO ENTREGUE APENAS AOS POLÍTICOS. O MOVIMENTO *RIO COMO VAMOS* MOSTRA QUE A CIDADANIA ACTIVA É POSSÍVEL, BEM-VINDA E CONTRIBUI PARA MUDAR UMA CIDADE.

Texto Teresa Violante

Fotos Thinkstock e cedidas (*Rio Como Vamos*)

O Pão de Açúcar e o Cristo-Rei, os afamados areais das praias de Ipanema e Copacabana, e os ritmos quentes e efusivos do samba no desfile de Carnaval fazem do Rio de Janeiro um cartão postal dos encantos brasileiros. Mas há o reverso da moeda: a insegurança, o tráfico de droga, o trânsito caótico e demorado, as desigualdades sociais. Ainda no mês passado a favela da Rocinha foi notícia em todo o mundo após a ocupação pacífica levada a cabo por uma intervenção policial. Porque viver numa cidade é muito mais do que habitá-la e percorrê-la nas inevitáveis deslocamentos trabalho/casa, um conjunto de cariocas pró-activos e determinados criou o movimento Rio Como Vamos (RCV). Inspirado no homólogo Bogotá Como Vamos, demonstra que a governação das cidades pode ser partilhada com os cidadãos.

“Não somos partidários, mas somos um movimento político”, caracteriza Rosiska Darcy, presidente-executiva do RCV, em conversa telefónica com

a RECICLA. E sem hesitações aponta o principal objectivo do movimento: “Melhorar a qualidade de vida da cidade”. Para que o Rio de Janeiro seja cada vez mais uma cidade maravilhosa, este grupo de cariocas quebrou o paradigma do “eles” e do “nós”, expressões muito usadas em conversas de café entre amigos, tão habituais quanto inconsequentes. Por “eles” entende-se o governo e os políticos; por “nós” os cidadãos. É preciso “acabar com a ideia de que o governo governa e os cidadãos apenas reclamam”, aponta Rosiska. Por isso o movimento RCV esbate fronteiras, envolve os cariocas, trabalha em conjunto com os decisores políticos e contribui para a transparência governativa. O segredo? Factos e informação, acessíveis a todos.

POLÍTICA ÀS CLARAS

Aquando das últimas eleições para a prefeitura do Rio de Janeiro (órgão do poder executivo do municí-

Da poluição nas praias ao trânsito caótico, do insucesso escolar à insegurança nas ruas, os indicadores do Rio Como Vamos tirar um raio-x à qualidade dos cariocas



pio, correspondente às autarquias portuguesas) o RCV lançou um desafio aos candidatos: quem ganhasse aprovaria um projecto de lei “em que se obrigava a apontar no prazo de seis meses um plano de governo com metas”, recorda a presidente-executiva. O prefeito então eleito concretizou este desafio, dando forma a uma ferramenta essencial para a transparência das decisões políticas e para a intervenção dos cidadãos, considera Rosiska. “A prefeitura criou um Acordo de Resultados: de seis em seis meses reúne para analisar as metas das secretarias municipais. Há um acompanhamento muito de dentro”, diz. Como essa informação é divulgada, a política torna-se mais clara para os cidadãos e menos demagógica. Aliás, a aprovação desta lei é, para a responsável do RCV, uma das conquistas mais importantes do movimento: “A ideia de participação é mais forte do que antes. E qualificada”. Uma vez que os dados são tornados

públicos, sabe-se o que está, efectivamente, a acontecer.

O RCV criou também um sistema de indicadores, espécie de raio-X à cidade e às suas desigualdades em áreas tão diferentes como saúde, educação, segurança pública, ambiente ou trabalho. Todos

AS CIDADES E OS PAÍSES SÓ TÊM A GANHAR COM UMA SOCIEDADE CIVIL DINÂMICA. MAIS DO QUE RECLAMAR, CÔMPETE AOS CIDADÃOS PARTICIPAR E PROPOR SOLUÇÕES

os anos são apresentados novos números, dados preciosos para entender a evolução do Rio. “Informação é poder. E assim termina a política do ‘achismo’. Os números são muito claros: ou aumentou ou não aumentou o número de creches, ou aumentou ou não aumentou o número de reprovações. São

factos e trabalhamos com esses factos”, sublinha Rosiska Darcy.

PARTE DA SOLUÇÃO

A par desta avaliação objectiva é também efectuada, de dois em dois anos, a Pesquisa de Percepção do RCV, que permite conhecer a forma como os cariocas vêem a sua cidade e saber quais as questões que mais os preocupam. Ao cruzar todos estes dados – evolução das metas políticas, variação do sistema de indicadores e percepção dos cidadãos – o RCV dá um passo em frente e ultrapassa a prática da mera reclamação, fazendo propostas e debatendo as questões que interessam aos cariocas de forma positiva e construtiva. Rosiska não duvida de que este é o caminho da democracia. Como escreveu juntamente com Thereza Lobo, no livro *Rio: A hora da Virada*, “passou o tempo em que, ao votar em alguém, delegava-se a responsabilidade de governar”. Tal não



A campanha do Mané, produzida pela agência DPZ, recorre ao humor para sensibilizar os cariocas a adotarem comportamentos cívicos



MULHER DE ARMAS

Rosiska Darcy é presidente-executiva do movimento Rio Como Vamos. Doutorada em Educação pela Universidade de Genebra, na Suíça, onde leccionou durante dez anos, fundou o Instituto de Acção Cultural, do qual é directora. Preside ao Centro de Liderança da Mulher e é membro do Painel Mundial sobre Democracia e do Painel Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável da UNESCO. Na política foi assessora especial do professor Darcy Ribeiro para a área da educação, no governo do Rio de Janeiro, presidiu ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e representou o Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres da Organização dos Estados Americanos, entre outras, no âmbito do governo federal. É autora de vários livros e colabora regularmente em jornais, como *O Globo* e *Estado de São Paulo*.

significa que políticos e cidadãos estejam de costas voltadas ou em lados opostos da barricada – pelo contrário. “Há respeito mútuo”, garante Rosiska, e trabalho em parceria.

De modo a incentivar os moradores do Rio a envolverem-se em questões de cidadania o RCV conta com o apoio do jornal *O Globo*, que uma vez por mês publica uma página com a análise de uma área social que afecta a cidade, e de outros meios de comunicação, com a divulgação nas rádios e televisão. “E temos ainda pequenas publicações que fazemos *ad hoc* com duas favelas do Rio”, aponta Rosiska. Espécie de cartilha, escrita de forma simples e informativa para que todos per-

cebam a realidade que os afecta e o que podem fazer para mudá-la. Recentemente o Rio de Janeiro aprende com o Mané comportamentos simples e cívicos, que estimulam a sã convivência social. O Mané é um bobo, com a mania que é esperto, através do qual, com humor, se ensina que não é aceitável deitar lixo para o chão, estacionar no passeio, deixar os dejectos do cão na via pública, desrespeitar as filas, etc.. O RCV surgiu em 2007 no Rio de Janeiro, mas alargou-se a outros pontos do país e não só. Integra a Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis e a congénere da América Latina. Porque a cidadania e qualidade de vida não têm fronteiras. **R**



Os resorts Alila são um ícone de sustentabilidade e bom gosto. As suas práticas de construção, design e gestão ambiental já lhe valeram a atribuição de inúmeros prémios

VERDE, LUXO VERDE

O CONCEITO DE TURISMO DE LUXO ESTÁ A MUDAR. VIAJANTES DE TODO O MUNDO PROCURAM EXPERIÊNCIAS ÚNICAS E AUTÊNTICAS. A CADEIA ASIÁTICA ALILA HOTELS & RESORTS REALIZA ESSES NOVOS DESEJOS, MANTENDO PROFUNDAS PREOCUPAÇÕES AMBIENTAIS. EM 2012 ESTA ECOMARCA CHEGA A PORTUGAL.

Texto Ana Sofia Rodrigues

Fotos Ceditas



A cadeia Alila Hotels & Resorts prova que também na hotelaria as preocupações ambientais podem não condicionar a sofisticação e o estilo. Ao longo dos anos as suas práticas têm sido reconhecidas com inúmeras certificações e prémios. Uma das mais recentes distinções foi atribuída ao resort Alila Villas Uluwatu, em Bali, considerado o “Eco Spa do Ano” pelos Asia Spa Awards. Os inovadores programas de bem-estar comprometem-se a minimizar o impacto ambiental, maximizando medidas de eficiência energética e apoiando a economia local e o desenvolvimento social. Frederic Simon, principal responsável pela gestão desta cadeia de hotéis, reconhece com orgulho: “A sensibilidade em

relação às questões ambientais está no nosso ADN. Mas ser verde não é pôr painéis solares e já está. É difícil. Dá mais trabalho, pois é necessário pensar em tudo. Além disso, há necessidade de actualização constante e algum carácter de experimentação das várias soluções”. O espírito ecológico e sustentável é sentido em todas as fases dos projectos Alila, do desenho à construção, passando pela gestão do dia-a-dia. A inspiração nasce dos próprios locais, da terra, da sua história e das suas gentes. Os arquitectos e designers envolvidos na concepção dos resorts compreendem e acreditam nos valores da marca: reduzir o mais possível o impacto ambiental dos projectos e maximizar o uso do espaço,

de forma a criar uma atmosfera profundamente ligada à natureza e à comunidade. Esta coerência tem sido aplaudida internacionalmente e as práticas de construção, design e gestão ambiental são já alvo de *benchmarking* mundial.

LIMITAR O IMPACTO

Como é possível criar resorts idílicos que promovam a responsabilidade social e o respeito pelo ambiente? Estando atentos a todos os pormenores. A localização dos edifícios, por exemplo, é escolhida tendo em conta o objectivo de cortar o menor número de árvores. Os quartos dos hotéis são desenhados de forma a que o uso de energia para iluminação e ventilação seja reduzido ao estritamente necessá-

Presentes no continente asiático, com unidades de Bali a Goa, os resorts Alila estreiam-se no mercado europeu com a inauguração de um espaço no Alentejo, perto do Alqueva, no próximo ano



rio. Para tal, recorrem, por exemplo, a soluções como paredes e portas removíveis que permitem que a brisa marítima circule, não sendo necessário usar com tanta frequência o ar condicionado. São utilizados materiais de construção locais, naturais e biodegradáveis, como o bambu ou pedras de lava, aplicadas pelas qualidades isoladoras. E sempre que possível reutilizam materiais. Por exemplo, no hotel Alila Villas Uluwatu, em Bali, aproveitaram madeira de postes de antigas cabines telefónicas e trilhos ferroviários. Investigam a flora local e não introduzem espécies que ponham

em perigo as já existentes. Encorajam o convívio dos hóspedes com a natureza, promovendo passeios a pé e de bicicleta e disponibilizam binóculos e livros sobre aves da região. “Não nos limitamos a não causar impacto. Queremos contribuir para o desenvolvimento de cada comunidade”, defende o CEO do grupo Alila. Esta preocupação tem sido distinguida pelos prémios Tri Hita Karana, atribuídos pela comunidade de Bali, que reconhecem nos vencedores o esforço em manter uma relação equilibrada homem-homem, homem-deus e homem-natureza. “É o prémio de

que mais nos orgulhamos”, reconhece Frederic.

DESENVOLVIMENTO LOCAL

Nos nove hotéis que o grupo Alila possui no continente asiático, de Bali a Goa, passando pelo Camboja e Jacarta, certas práticas de desenvolvimento local são comuns. Escolhem ingredientes tradicionais para as terapias e tratamentos dos spas, compram alimentos frescos a fornecedores das próprias comunidades e recorrem a mobiliário e elementos decorativos feitos por artesãos locais. Sem esquecer que a maior parte do pessoal de cada



Os turistas tendem a privilegiar unidades hoteleiras que se preocupam com o ambiente, os recursos humanos e as comunidades locais

hotel é oriundo de zonas próximas das unidades. As comunidades são ainda envolvidas nas actividades dos resorts através das experiências organizadas para os hóspedes, como aulas de danças típicas, encontros com *healers* locais, sessões de yoga, reiki, meditação e outras terapias tradicionais, visitas históricas e culturais e passeios pela natureza para reconhecimento da flora e fauna, com guias da zona. “O conceito de luxo mudou. Os nossos hóspedes não querem apenas ficar num bom resort. Desejam interagir e envolver-se

EM HARMONIA COM A NATUREZA E AS COMUNIDADES ONDE SE INSEREM, OS HOTÉIS ALILA PROVAM QUE O LUXO PODE SER SUSTENTÁVEL

com a comunidade local. Por isso, nas experiências que oferecemos procuramos proporcionar-lhes essas férias autênticas”, descreve o responsável por esta cadeia de luxo. Férias autênticas que podem ser também responsáveis. O programa “Gift to Share” (Dar para receber), desenhado pelo Grupo Alila, proporciona aos clientes a possibilidade de colaborarem com pequenos donativos para causas regionais apoiadas pelos hotéis,

como programas contra a pobreza e de ajuda a escolas locais, e projectos de defesa ambiental.

ÁSIA NO ALENTEJO

O grupo Alila escolheu Portugal como porta de entrada para o mercado europeu. Em 2012 surgirá um hotel de luxo na Herdade Roncão d'el Rei, junto ao Alqueva, num espaço que já foi o pavilhão de caça do rei D. Carlos. Frederic Simon recorda-se da sua primeira visita ao nosso país: “Fiquei impressionado”. Apaixonou-se pela paisagem e cedo percebeu o potencial do local devido às experiências únicas que pode proporcionar, como “ir àquele restaurante em Évora, mesmo típico, onde se prova o melhor presunto do mundo”. No Alqueva o Grupo Alila será vizinho de outra marca hoteleira asiática de referência: Banyan Tree. Frederic considera que a presença das duas cadeias será excelente para o Alentejo. “Se duas marcas com padrões tão elevados acreditam no destino o suficiente para colocarem lá uma bandeira, é porque realmente ele vai dar certo”.

TURISMO SUSTENTÁVEL

A ideia presente na filosofia Alila de que o turismo pode constituir uma ferramenta não só para apoiar o desenvolvimento económico, como também para aumentar a

qualidade de vida dos visitantes e das comunidades que os acolhem, ganha adeptos em todo o mundo. Os turistas começam a reconhecer que as cadeias que se preocupam com o ambiente, os recursos humanos e as comunidades onde se inserem são também mais susceptíveis de se preocuparem com eles. Uma aposta ganha, para todos. **R**

MISSÃO AMBIENTAL

Tendo a noção de que a indústria hoteleira contribui na sua grande maioria para elevados níveis de desperdício e poluição, o Grupo Alila assume com empenho uma completa política ambiental. Eis os princípios que a norteiam:

- redução do consumo de energia e água;
- redução do desperdício;
- utilização de materiais reciclados, sempre que possível;
- recurso a produtos e serviços locais, minimizando custos de transporte, emissões de carbono e beneficiando as comunidades locais;
- escolha de fornecedores e parceiros que adoptem práticas sustentáveis;
- oferta de actividades não intrusivas de exploração e usufruto da natureza para os hóspedes.

SUSTENTA BILIDADE É...

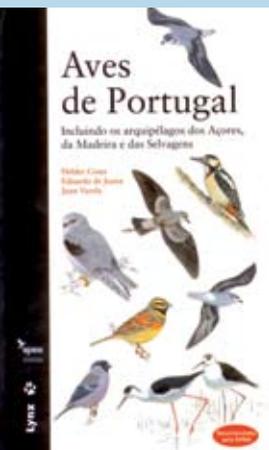


Passagem de ano no campo

Sem fogo-de-artifício nem confetis, mas com passeios pela natureza, à descoberta dos seus encantos no Inverno, e conversas e música à lareira, assim será a passagem de ano na Herdade da Marmeleira, em Evoramonte. Chá com bolinhos e partilha de experiência, comida caseira preparada com produtos frescos, locais e da época, e visita ao mercado tradicional de Estremoz complementam o programa concebido pela Magic Moments para todos os que gostam de festejar grandes momentos com a natureza. A meia-noite é celebrada com chá indiano. De 30 a 1 de Janeiro. Inscrições até 27 de Dezembro através de fotos@magicmoments.pt, 936 172 294 ou 917 362 163.

Guia de aves portuguesas

A pensar nos birdwatchers, a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA) lançou recentemente o livro *Aves de Portugal*, primeiro guia de aves concebido exclusivamente a pensar na realidade portuguesa. “Embora existam vários guias de identificação de aves, este é o primeiro que é específico para Portugal, incluindo também as ilhas e as suas espécies endémicas”, descreve Luís Costa, director executivo da SPEA. As espécies acidentais não ficaram de fora, nem as espécies exóticas relevantes, com populações estabelecidas no país. Escrito por Hélder Costa, Eduardo de Juana e Juan Varela, encontra-se à venda na sede da SPEA, em Lisboa, ou na loja online em www.spea.pt.



Marque na agenda: 24 de Março

Pelo terceiro ano consecutivo a Associação Mãos à Obra Portugal, com o apoio de milhares de voluntários, dá forma ao projecto Limpar Portugal. A próxima edição decorre de norte a sul do país, no dia 24 de Março. Para participar basta aceder ao site www.amoportugal.org e inscrever-se no núcleo da sua área de residência. Então ficará a par dos preparativos e das orientações logísticas e de organização, e depois é só participar no dia marcado. Objectivo? Promover a educação ambiental e reflectir sobre a problemática do lixo, removendo os resíduos depositados indevidamente em espaços verdes, nas cidades e nas praias. A edição de 2010 foi responsável pela recolha de 50.000 toneladas de lixo e contou com a colaboração de mais de 100.000 voluntários.

Da árvore à fruta

Para começar o ano com fruta fresca, o Núcleo de Braga da Quercus organiza mais uma edição do Curso de Poda de Fruteiras. Conhecimentos práticos para quem dá os primeiros passos nesta área ou já tem experiência com árvores de fruto. O curso decorre na Quinta Pedagógica do Real, em Braga, nos dias 7 e 21 de Janeiro. Mais informações e inscrições: braga@quercus.pt ou 927 986 133.

